



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVOLÚCO ENCHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL DE05582008GRC

O Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913

31 de Janeiro de 2009 • Ano LXV • N.º 1693
Preço: € 0,33 (IVA Incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

MOÇAMBIQUE

Momentos difíceis

VIVEMOS momentos difíceis no ano que findou. Concluimos a nossa Oficina Escola de Mecânica, financiada em parte pela Cooperação Portuguesa do Ministério do Trabalho. Em boa hora decidimos prolongar a área coberta, que por vezes está cheia com tractores, camiões e carros em recuperação ou revisão e pneus para remendar. Pena foi que não tivesse ficado maior. Até mesmo porque não foi prevista uma sala para aulas teóricas, porque temos, graças a Deus e ao próprio, um óptimo Mestre. Responsável, competente, generoso, amigo de ensinar os Rapazes. Mas acabámos a obra com grande

dificuldade e angústia que só Deus fez sarar. Com as ajudas de Paço de Sousa, atrevemo-nos a levantar um armazém com um secador de cereais, para minimizar as perdas na hora das colheitas de milho, feijão e girassol, cuja secagem é demorada e sobretudo este tem de ser colhido mal esteja formado. Os passarinhos, pardais, rolas e até os ratos comem tudo se demorarmos. É um louvar a Deus na natureza, vê-los esvoaçar. Cada ano a multidão deles é maior. Por vezes são nuvens. Que desnaturados seríamos se os afugentássemos a tiro. Mas a verdade é que não sobra nada, se atrasarmos a colheita. Já temos o girassol

florido, algum já perdeu as pétalas e as sementes desapareceram. No máximo daqui a quinze dias teremos de iniciar a nossa colheita, porque a deles já começou e poderá ser a maior parte. Com outra ajuda em transportes, *caterpillar* e pá carregadora, revestimos a estrada de acesso à Aldeia e enchemos mais um pouco o piso do campo de futebol. Longe ainda de ser utilizável, por causa da inclinação. Estamos prestes a começar o restauro das casas da Aldeia e ainda não temos campo de Futebol de onze, para os Rapazes esticarem as pernas, desenvolver os músculos e dar expansão à caixa pulmonar, com os gritos de incentivo ou de alegria, na euforia dos golos. De há anos a nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa nos apoia com, pelo menos, oitenta mil Euros, na manutenção desta Casa. À de Setúbal são entregues anualmente alguns donativos que vêm ter à nossa mão, para além de remédios todos os meses. Também pela mão de Padre

Acílio vão chegando algumas ajudas de quem nos conhece, através d'O GAIATO. De cá o maior apoio vem dos Compadres da Academia do Bacalhau, do Bim e raramente de alguma visita que aqui vem. Recentemente uma de Portugal deixou-nos cinco mil euros, pelos vinte e cinco anos de Casamento. Da filha já tínhamos recebido um bellissimo órgão electrónico que, ao Domingo, é tocado pelo Benedito, enriquecendo a harmonia dos cânticos litúrgicos, mas corre o perigo de ser abafado pelos tambores que meia dúzia de Rapazes tocam com mestria. Há muito que deixámos de rece-

ber qualquer donativo enviado por carta, como nos primeiros anos. Do Canadá, dos Estados Unidos, do Brasil, de Lisboa, de gaiatos e antigos residentes nesta terra, chegavam cartas com ofertas. Com tanta dificuldade em ter uma chave fiável para a Caixa Postal, tudo desapareceu como por encanto. Sempre o pensei, mas só agora o digo: Se alguém mandou, não estranhe dizer que, há muitos, muitos anos não chega nada via Correios. Compreende-se. O nosso bem-haja a quantos amam os nossos Rapazes. Padre José Maria



PÃO DE VIDA

Amparar

NA desordem internacional, é acutilante a mensagem do Papa: «Combater a pobreza é construir a paz». Cristo vivo deixa-a ao alcance de todos. Jesus de Nazaré preferiu sempre as pessoas, todas — a sua vida. O confronto, no seu tempo, com as autoridades, passou pela novidade do Seu ensinamento: Deus quer uma vida digna e feliz para todas as pessoas. Teve compaixão e empatia pelos Pobres, porque o desrespeito pela pessoa humana fere profundamente o Seu mistério de Amor. Deus só pode dar o Seu Amor. Os feridos da vida são rostos mais visíveis do Deus escondido.

Na pobreza material, em Portugal, contam-se dois milhões de Pobres; e há sinais da extensão da fome. Devolver a dignidade às pessoas é mais importante do que expiações e ultrapassa dissensões. Afinal, antes da viragem do ano, o telefone apelava à esperança e tocava mais uma vez, para a mesma situação. Na rede de comunicações festivas e gratas, era emergente aceder a um grito, persistente e lancinante, de uma jovem viúva, proveniente da Guiné-Bissau, a sobreviver próxima da capital: «Receba dois dos meus filhos, que não posso criar». Será que Deus vê, passivo, a aflição humana? Cristo tem, também, as nossas mãos... O pai deles veio trabalhar para a construção civil, no nosso País. Partiu, há 7 anos, com 38 anos, em acidente de trabalho, no Baixo Alentejo. Para lhes dar de comer, Maria tem um trabalho precário, a desoras, deixando-os sozinhos.

Continua na página 4

MALANJE

Reflectindo

JESUS foi pequenino — à maneira do Povo, ajudou S. José nos trabalhos mais humildes. Depois, foi e juntou-Se aos pescadores. Com eles comia peixe assado nas brasas. Apanhava umas espigas nas searas e comia os grãos. — Cala-te, não importunes o Mestre. — Deixai-o. Que queres tu? — Ver, Senhor. — Vê. Este Jesus — a pé por vilas e aldeias... Refeições onde calhava. As multidões comprimiam-no. — Quem me tocou? — Senhor, en toquei... — Vai, a tua fé te salvou. Ai, a nossa sociedade sem Deus!... Se ao menos tocasse a fímbria do Seu vestido...

Venho de uma Europa carregada de superfícies onde os grandes mercados de todos os bens de consumo e de lazer — abundância que entontece! Milhões e milhões de brinquedos! A felicidade e a alegria não estão nos supermercados abarrotados — pois todos sabemos que há milhões de pessoas a passar fome... Então é tristeza! Encontrei os nossos «Batatinhas», de Malanje, a brincarem com os seus carrinhos presos a barços... Fiquei embevecido a vê-los correr, cada um com o seu, no passeio de cimento. Felizes! Alegria no coração! «Não acredito em Deus», disse-me, há dias, um jovem. Partiu-se o fio do seu carrinho que apodrece no lixo. Ele fez a sua primeira Comunhão! Surgiu depois um nevoeiro denso e perdeu a visão de Deus... O sol virá. Outro fio preso a novo carrinho que ele puxará no seu passeio de azulejos floridos... Apetece dizer: Bom-dia felicidade! Cidade Sul: Beladona, Projecto Cajueiro, Super, Parques de Máquinas, Estaleiros e Bairros — condomínios... Cidade nova! Fui de lado a lado: Vi algumas igrejas de seitas — muitas. Não vi, pelo menos, um quintalejo com a cruz como seta de futuro... Certo, senhores Bispos. Do Benfica vê-se o mar. Prédios que se encostam... lá no meio ainda uma casa de Irmãs. Dão catequese e despertam vocações. Uma sementinha que pode levedar a massa. Massa informe, de difícil levedura...

Padre Telmo

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

A HERANÇA DOS IDOSOS — Hoje vamos falar-vos de uma situação que envolve os idosos, situação essa que já ocorreu algumas vezes na actividade da nossa Conferência e continua a ocorrer. Trata-se de idosos que vivem sozinhos e que chegam ao momento em que são incapazes de, por si próprios, realizar as actividades necessárias à sua sobrevivência, mas que podem, com alguma doutros, continuar a viver condignamente na sua casa. Trata-se ainda de idosos que dispõem de alguma reforma, poupança ou património que bastam para ir cobrindo as despesas do seu dia a dia, mesmo no caso em que têm de recorrer a essa ajuda externa. Finalmente são idosos que, apesar de viverem sozinhos, têm familiares ou "amigos" próximos que poderiam cuidar deles, mas que só o fariam de uma forma interesseira, ou seja, apropriando-se desse rendimento ou património principalmente para seu proveito próprio, sem se importarem muito com o bem estar desses idosos. O que acontece, por vezes, nestas situações é que o idoso, sem outra alternativa, acaba por ficar nas mãos desse tipo de familiares, ou "amigos", acabando os seus dias sem poder ter o carinho que é tão importante à vida nessas idades, nem o bem estar material que o seu rendimento ou património lhe poderiam proporcionar, se fossem bem administrados em seu favor.

Em casos destes de que temos tido conhecimento temos intervindo, não só através da visita domiciliária e da mobilização da ajuda de que o idoso precisa para as suas actividades diárias, mas também assumindo a responsabilidade de administradores do seu rendimento ou património, obviamente, a seu pedido e com o seu pleno consentimento, expresso e formalizado em altura em que esteja perfeitamente lúcido. Nalguns casos, este rendimento ou património têm dado para prover às necessidades do idoso até ao fim dos seus dias e tem sobrado, ficando, depois, o resto para as utilizações que ele tiver determinado em vida. Noutros casos não tem dado, encontrando, então, o Vicentino forma de completar o que falta.

É natural que esta acção do Vicentino é mal vista pelos familiares ou "amigos" destes idosos que, por vezes, não se coíbem de ir pelos caminhos da maledicência e, mesmo, da calúnia. Evidentemente que isto não nos tem impedido, nem nos vai impedir de continuarmos a fazer o que nos parece bem.

Agradecendo o vosso apoio que não esmorece, aqui fica o nosso endereço:

Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Américo Mendes

PAÇO DE SOUSA

DESPORTO — Para terminar o ano de 2008, recebemos os Juniores do Futebol Clube de Bustelo (Penafiel). Um jogo normalíssimo e sem grande história. Começamos por sofrer o primeiro golo de grande penalidade, mas foi «sol de pouca dura». Com golos de

Rogério (2); Agostinho (1); Joel (1); «Bonga» (1) e André «Espanhol» (3), contra dois do adversário, fixou-se o resultado final.

André «Espanhol» fez a sua estreia na equipa Sénior, e através do excelente trabalho realizado neste jogo, demonstrou que afinal, também pode fazer parte da equipa principal. É bom que apareçam novos valores, para obrigar a trabalhar mais e melhor, todo o resto do plantel.

O primeiro treino deste ano, ficou por realizar, devido à muita neve que cobria o respectivo rectângulo.

O nosso Grupo Desportivo através do meu telemóvel, não foi esquecido por muitas pessoas amigas na quadra natalícia. Não vou, como é óbvio, enumerá-las todas, mas pelo menos a estas duas, não resisto.

A primeira, é do nosso querido Teixugueira que nos telefonou do Kosovo. Tão longe... e sempre tão perto de nós! Ele não consegue esquecer aqueles que o viram crescer, bem como o Grupo Desportivo, onde começou a dar os seus primeiros pontapés na bola. Desejamos-te toda a felicidade do mundo.

A segunda, vem de um homem que desde que nos conheceu, nunca mais nos esqueceu! Sem mais comentários, passo a citar a sua mensagem: «Desejo um Feliz Natal e um Próspero Ano de 2009, para si e para todos os colaboradores, sem esquecer essa malta maravilhosa! Vítor Carvalho». «Essa malta maravilhosa». E esta hein?!

Este homem é o nosso árbitro, como dizem os Rapazes quando o vêem na TV, nos jogos oficiais da Primeira Liga. Árbitro dos nossos jogos cá em casa, no Torneio Inter-Casas. É um bom conselheiro, fora e dentro das quatro linhas. Nós é que lhe desejamos tudo de bom em 2009, para o senhor Vítor Carvalho, esposa e filhas.

Queremos também agradecer ao Conselho de Arbitragem, através do senhor Carlos, pelo facto de nos proporcionar este privilégio.

Alberto («Resendes»)

SETÚBAL

MÚSICA — No dia 17 de Janeiro, o André Jorge e eu tivemos um Concerto da Orquestra e de Canto do Conservatório de Setúbal na igreja de S. Paulo, em que nós cantámos e tocámos trompete. O Coro iniciou com as músicas de Natal, depois a Orquestra tocou também músicas de Natal e outras. O salão da igreja ficou cheio de pessoas que gostaram do nosso Concerto.

RAPAZ NOVO — Recebemos um novo rapaz na nossa Casa chamado Emanuel. Ele foi para a casa 2 porque já tem 15 anos. Adaptou-se muito rápido ao nosso ambiente. Gostou muito de fazer amigos novos. Tem ido para a carpintaria enquanto não vai para a escola. Esperamos que continue a gostar da nossa Casa.

VISITAS — Aqui há uns dias tivemos duas visitas, das escolas de Bocage e do Barreiro. Vieram ver como é a nossa Casa. Os nossos rapazes da Primária foram mostrar a nossa Casa, para que os alunos fizessem um trabalho sobre a Casa do Gaiato. Depois, alguns

dos nossos rapazes jogaram à bola e brincaram com os alunos das escolas. Foram para as suas escolas muito alegres e satisfeitos por nos terem conhecido.

OFICINAS — Durante estes dias os nossos carpinteiros estiveram a por chão novo no quarto do Emanuel, a montar uma porta no corredor e a fechar os postigos da casa 3. Os quartos agora estão melhores e mais quentes. Também os serralheiros estiveram a arranjar coisas na vacaria para que as máquinas trabalhem bem quando forem precisas.

VACARIA — As nossas vacas estão cada vez a dar mais leite. De vez em quando morre alguma com algum problema, o que é muito mau. A nossa vitela castanha está a crescer cada vez mais, e quando for adulta esperamos que os filhos também sejam castanhos. A nossa «brunquinha» está a dar cada vez menos leite, pois está a ficar velhota.

Gonçalo Leite

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO CENTRO

Véspera de Ano Novo ligou o Tó Miranda a desejar um Bom Ano para todos os antigos gaiatos e respectivas famílias, pedindo-me que os comunicasse a todos. O Tó é um pensionista, gaiato desta casa de Miranda e de Beire, que vive numa casinha sua em Cristelo, sozinho. Na quadra religiosa dedicada ao Natal e Ano Novo, o apelo da família é muito forte. O Tó passou-a sozinho. Ligou-me novamente a 11 de Janeiro. Desta vez estava preocupado com outro nosso irmão da nossa casa e de Beire, o Palhacito, que vive numa casita arranjada com a ajuda do Património dos Pobres e colaboração da Casa e alguns antigos gaiatos, em Cadima, a sua terra natal. Também vive sozinho, com uma pensão de pouco mais de 40 euros e ajuda em géneros de um Centro de Dia onde ele presta alguns serviços, com almoço nos dias de semana. O Tó estava preocupado porque o Palhacito não tinha gás para aquecer o comer ou para se aquecer neste Inverno rigoroso. O Zé (Gordo) Martins e a Nanda foram até lá, no dia a seguir, com alguns géneros alimentares e deixaram-lhe duas garrafas de gás para as suas necessidades. O Palhacito mal os ouviu, a não ser quase aos berros. Está a ficar surdo. Os seus companheiros são os cães e gatos que fazem as necessidades num pátio junto à casa que ele às vezes se esquece de limpar. A Rosita falou à assistente social do Centro de Saúde que entrou em contacto com uma colega de Cantanhede. Vai inteirar-se da situação dele e ver o que se pode fazer.

Domingo, 18 de Janeiro, oito e meia da noite, chovia e fazia frio! O Chola toca-me à campainha. Com ele vinha o Zézinho e com o Zézinho vinha o vinho que falava antes dele, não deixando perceber o que queria dizer. O Zézinho foi da nossa casa durante treze anos. Depois foi atraído para o sub-mundo das ruas de Coimbra onde viveu num carro abandonado mais o Joãozinho Preto, até à morte deste, afogado no Mondego. Era visto de vez em quando por este ou por aquele, ainda no mundo

da mendicância. Nos últimos tempos estava numa instituição de Coimbra, de apoio aos sem-abrigo, a frequentar um curso de formação profissional na área da agricultura, tendo saído da instituição sem dar cavaco. Vinha limpo e asseado tirando o hálito a vinho. Liguei para vários lados até para a linha de emergência social. Era domingo à noite. Não se podia fazer nada ainda para mais estando ele alcoolizado. Mandaram-no ir falar com a doutora tal na segunda-feira que era quem tinha o seu caso entre mãos. O Chola deu-lhe comer e conselhos e levou-o à estação para ele apanhar a última automotora da noite de regresso a Coimbra. No bolso ele levava instruções escritas para se dirigir à tal doutora na segunda-feira de manhã, quando lhe passasse o efeito do álcool. Eu fiquei com um aperto cá dentro sem saber explicar porquê. O Zézinho iria passar mais uma noite à chuva ou recolhido num canto qualquer, mas não conseguia perceber a razão de ele ter aparecido naquele dia aqui em Miranda, a não ser qualquer coisa que eu tinha lido, de relance, nos meus registos, a que não dei a devida atenção. Na segunda à noite fui confirmar... No domingo, 18 de Janeiro, se a minha mãe fosse viva, faria anos. Era o dia de aniversário do Zézinho! Talvez por isso o vinho fosse o lenitivo da solidão que ele sentia nesse dia e, também por isso, quis ver os seus irmãos, aqueles com quem cresceu e para quem era o Zézinho e não um sem-abrigo das ruas de Coimbra. Terça-feira, de manhã, liguei para a segurança social, para falar com a tal doutora. Não existia, uinguém sabia quem era. Alguém terá ouvido ou transmitido mal o nome, quem sabe?!... O Zézinho não voltou à instituição!

Faço aqui um apelo a todos os antigos gaiatos. Procurem-se mutuamente na zona onde vivem e entreatudem-se, convivam, aconselhem, quebrem a solidão daqueles que vivem sozinhos e, se não souberem a quem se devem dirigir, liguem-nos que nós tentaremos dar uma solução.

Sobre a semana evocativa de Pai Américo, realizar-se-á, em princípio, nos primeiros dias de Março. Oportunamente serão comunicadas as datas precisas.

Brevemente iremos dispor de uma sede, num espaço autónomo, cedido pela casa. Precisa de algumas obras e para isso todos iremos ser chamados a colaborar.

Votos de Bom Ano, com saúde, amor e paz.

Chiquito-Zé

BENGUELA

VISITA DE ESTUDO — A minha notícia é sobre quando nós fomos à indústria de papéis e falámos com o trabalhador mestre António Manuel. Queríamos saber como se fazem os cadernos e os jornais e falámos com o senhor Artur. E com ele também vimos a máquina que está a meter escrita no papel.

Vimos a trabalhar uma outra máquina, a de imprimir, só que é uma máquina diferente.

Também vimos a máquina que corta o caderno que está torto.

A seguir vimos a máquina que picota e a máquina que corta o papel, uma grande e outra pequena.

O nome da empresa que visitámos é ETIBENG, Limitada.

João Domingos - 3.ª Classe

MIRANDA DO CORVO

AGRO-PECUÁRIA — As temperaturas têm-se mantido baixas e voltou a ver-se neve na serra da Lousã. Continuaram-se as podas: árvores fruteiras, do pomar, árvores ornamentais e roseiras dos jardins. A casa e o quintal, a nascente, também foram limpos. No ovil, as notícias são boas, pois a natalidade tem subido, aumentando o rebanho: nasceram mais quatro ovelhas, que foram separadas, nos currais, com camas de palha.

PRENDAS — No Natal, depois do pequeno-almoço, tivemos um saco com prendas, simples e úteis, dadas pelos nossos Amigos, que agradeceremos, e que a senhora D. Nazaré foi organizando para todos.

ANIVERSÁRIOS — Em Janeiro, fizeram anos os seguintes Rapazes: a 9, Leandro (18 anos); a 26, Madi (14 anos). Parabéns!!

RAPAZES NOVOS — A nossa Casa do Gaiato recebeu mais dois Rapazes, a 15 de Dezembro. O Padre Manuel e o Prof. Paulo foram acolher dois irmãos, guineenses, à Pontinha: Feliciano Paulo Costa, 13 anos, e Paulo Cabissandin Costa, de 8 anos. As maiores felicidades!

CONSELHO PEDAGÓGICO — Reuniram, no nosso Lar de Coimbra, a 17 de Dezembro, alguns colaboradores para analisar questões da nossa Casa.

AVALIAÇÕES ESCOLARES — O panorama geral das avaliações do 1.º período, do corrente ano lectivo, dos Rapazes que estudam em Miranda do Corvo e Coimbra, do 2.º ao 12.º anos de escolaridade, é positivo. Mas, alguns precisam de estudar mais, para levantar as negas. Depois de muitas preocupações, a 10 de Janeiro, o João Pedro resolveu ir viver com uma irmã, na Beira Baixa. Que tudo corra bem!

ANIVERSÁRIO DAS CASAS DO GAIATO — Ocorreu a 7 de Janeiro, quarta-feira, o 69.º aniversário da fundação da nossa Casa. De facto, foi nesse dia, memória do Santíssimo Nome de Jesus, que entraram os 3 primeiros Rapazes nesta Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Para festejar o acontecimento, pelas 19.30h, na nossa Capela, celebrámos a Eucaristia, preparada pelas Catequistas. Este ano, faz 70 anos que Pai Américo comprou a quinta onde instalou a nossa Casa. Esta é a primeira da Obra da Rua!

VISITA DO SENHOR BISPO — Mais uma vez, o senhor Bispo de Coimbra, D. Albino Cleto, em visita pastoral, passou pela nossa Casa, com o Prior, a 9 de Janeiro, ao fim da tarde. Foi recebido com amizade, detendo-se na nossa Escola e nas salas de convívio, e confraternizando na sala de jantar. Venha sempre que quiser e puder. Muito obrigado!

FESTA EM S. JOSÉ — A 11 de Janeiro, Domingo, de tarde, decorreu a festa de Reis da Paróquia de S. José, Coimbra. A nossa Comunidade esteve presente, participando com danças,

Património dos Pobres

POR mais que nos esforcemos, somos incapazes de compreender o *mistério* que é Deus ter-Se feito *homem* em Seu Filho e assim n'Ele querer abraçar toda a Humanidade.

Pela Sua carne tomou a nossa e, na Sua Pessoa, assumiu os homens de todos os tempos, raças e culturas.

O Natal lembra-nos, anualmente, esta verdade que se torna mais acessível para aqueles que, na sua vida, tentam, por amor e na sua medida, fazer o mesmo que Deus fez, assumindo também as debilidades dos outros homens.

O Património como toda a Obra da Rua tem aqui a sua gênese e expressão.

«A ajuda que a Obra da Rua está a dar, por meu intermédio, é altamente meritória e vai ao encontro dos preceitos do Evangelho», diz o assinante 55433, acrescentando que «transferiu 300 euros para a conta da Obra do Padre Américo».

«Sou um velho médico reformado (...) não posso ficar indiferente ao seu Património dos Pobres (...) tenho sete filhos e oito netos que também precisam de ajuda», cem euros.

O assinante 32549 pede «a Deus que me ajude a enfrentar as inúmeras dificuldades enviando uma ajuda monetária», quinhentos euros. A mesma quantia, de outro leitor, que «me abraça com muita ternura, pedindo a Deus que me conceda Amor e Força para ajudar a minorar algum pedacinho de tanto sofrimento».

Outro assinante, de Cascais: «Cada artigo é uma página do Evangelho», duzentos euros.

Mealhada: «Eu tenho uma casinha confortável, tenho que agradecer a Deus esse bem e procurar ajudar aqueles que nada possuem», cem euros.

Cebolais de Cima: «Admiro a vossa amizade pelos Pobres. Bendito seja Deus!», cem euros.

Assinante 5451: «O estilo d'O GAIATO que incendeia, acalenta-me há mais de 50 anos», cem euros.

«Leitora atenta d'O GAIATO, há muitos anos, gosto particularmente da secção 'Património dos Pobres' e do 'Calvário'».

«Tocou-me muito o caso da mãe das três gémeas, talvez por ter netos gémeos e saber quanto custa criá-los. Assim mando uma pequenissima ajuda a essa mãe. Em acção de Graças pelos 74 anos», duzentos euros.

De Tavira, com o número de contribuinte e expressões de muito amor e carinho pelos Pobres, 150 euros. «Uma velha senhora de 80 anos que olhando à volta vê tanto desperdício», cem euros.

Uma firma de Perafita, faz mais um assinante e envia 500 euros. A sobrinha de um grande sacerdote, em memória e por alma do Tio, 300 euros. A pedir oração pela família e por alma do marido, 50 euros, de Esmoriz.

Maria de Lourdes, de S. João da Madeira, 25 euros. «Para minorar de algum modo o sofrimento relatado pelo Padre Acílio», 150 euros. «Com desejos de um santo Natal», 30 euros. Idem de Castelo Branco, com 50 euros, e da Covilhã, com a mesma importância. O Nuno, de Lisboa, envia os mesmos votos e 100 euros.

A pedir-me que ponha os seus filhos no Altar, Maria Pereira, 50 euros. É uma multidão incontável no Altar do Senhor, diariamente. Mais, cem, de Lisboa, implorando que não mencione o seu nome no Jornal. Padre, de Paço de Arcos, a mesma soma e o número de contribuinte.

De Castelo Mendo, a contar a bela história como conheceu O GAIATO «pequeno em tamanho e tão grande na missão evangélica que nos transmite... Espero-o com ansiedade e avidez», 50 euros.

Da Rua Infanta D. Maria, de Coimbra, todos os meses, cem euros. «Humilde admiradora da Covilhã», uma carta cheia de encanto e um óbulo cujo valor não aponte. De Macedo de Cavaleiros, a pedir anonimato, quinhentos euros. Da Ponte de Vagos, a implorar oração pelos seus pais e a dizer: «Na minha meninice também passei muitas dificuldades», 150 euros.

De Setúbal, uma viúva a chorar a falta do marido, trezentos euros. Tem muitas razões para as lágrimas. Outra, experimentada na longa dor da viuvez, 100 euros. Um casal da minha antiga equipa de casais de Nossa Senhora, mil euros. Mais, 25 euros, de Cascais e cinquenta, de Santa Iria da Azóia.

Um antigo gaiato, com as boas Festas, 150 euros. Só Deus sabe quanto aprecio as dádivas dos gaiatos!...

Assinante 138631: «Agradecendo o bem que a doutrina do Evangelho, presente nos seus escritos n'O GAIATO, me obriga a pensar e a procurar caminho para o Alto», dois mil euros.

De novo Lisboa, tem lido «n'O GAIATO as minhas aflições», cem euros. Oeiras, assinante 19668, 250 euros. Fernando e Alexandrina, 250 euros.

De Folgoso, um cheque natalício, cinco mil euros, a pedir «para mim a bênção do Menino Jesus».

«O livro de Padre Américo à cabeceira da cama, muito me ajuda a rezar», 200 euros. De Lagares, Penafiel, 100 euros. «Pequenina achega para a vossa tão bela Obra», cem euros.

Aveiro, Santa Joana, trinta euros. Em memória do Marido, 50 euros. Celebro muitas vezes pelas almas que me são recomendadas e pelos nossos benfeitores. Assinante 52842, 50 euros.

Da Lousã, a rogar oração «pela minha família», cinquenta euros. Assinante 2778, 25 euros. Um Padre amigo, 100 euros. Beja, 20 euros. Seixal, 40 euros. De novo Cascais, 50 euros. Assinante 31082, em comunhão simples e amiga com os meus artigos, 250 euros.

Da Quarteira, «colaboradora antiga» pede oração pela sua saúde, 50 euros. Braga, Teodora, 250 euros, «para aliviar alguma aflição». «Para que o Natal dos Pobres seja um pouco mais doce», 50 euros. Vila Nova de Gaia, 50 euros, e o mesmo de Rio de Mouro. Mais, 100 do Porto, 75 de Ílhavo e 250 de Coimbra, «muito unida ao Senhor», e a mesma quantia da Zelma. «A pedir ao Deus Menino que me dê forças», 100 euros. Anónimo, 200 euros.

Gondomar: «Ao ler a coluna 'Património dos Pobres', ninguém com fé em Cristo pode ficar indiferente», 150 euros, e mais 20 para o Jornal. Viseu, 50 euros. Na rua, em Setúbal, por alma dos pais, 60 euros. Entre as muitas presenças de Coimbra estava também a Ester, com 50 euros, o assinante 75474, 250 euros. De Alvega, 450 euros.

A direcção postal do Património dos Pobres:

Lar do Gaiato
Trv.ª Padre Américo
3000-313 Coimbra.

Padre Acílio

através de alguns Rapazes: Rui, Fábio, Feliciano e Paulo Costa. Trouxemos bens alimentares que recolheram para nós. Ao Sr. Padre João Castelhana, aos Catequistas e Amigos, muito obrigado!

PARTILHA — Na quadra natalícia, vários Amigos e comunidades cristãs partilharam a sua amizade e generosidade, em bens. Entre outros: Miranda do Corvo; Escola do Senhor da Serra; Vila Nova; Lousã; Penela; Avelar; Almofala (Figueiró dos Vinhos); Coimbra; Antigos Jocistas de Coimbra; Serviço de Cirurgia I dos Hospitais da Universidade de Coimbra; Casais do Campo (S. Martinho do Bispo); Condeixa-a-Nova e Condeixa-a-Velha; Sebal; Escuteiros da Pampilhosa; Escolas Básicas de Paião; Fermentelos; Albergaria-a-Velha; Seroa (Paços de Ferreira); Castelo Branco; Barreiros — Amor (Leiria); Colégio do Coração de Maria (Fátima); Jovens da Batalha; Escolas de Alcanede; Lisboa. A todos, a nossa gratidão!

Alunos do Alternativo

Uma carta

«Continuo leitora assídua do vosso famoso jornal O GAIATO, que muito admiro. E sinto como é urgente amar!

Como é urgente exorcizar das consciências o medo de Deus, gritar bem alto que o Homem vale mais do que os passarinhos (...) que Deus cuida dele desde as profundidades mais recôndias do seu ser até à mais microscópica 'zona capilar', usando as palavras linda do bom Padre João, que muito me tocaram!

Qualquer um dos artigos d'O GAIATO é sempre, para mim, motivo de reflexão sobre os objectivos da verdadeira vida, sobre o amor aos Pobres, aos mais desprotegidos, aos mais fragilizados da vida!

Segue um cheque que peço guardéis em silêncio, e que aplicareis segundos os vossos critérios, nos quais confio plenamente.

Que Deus vos abençoe pela Obra maravilhosa que continuais a realizar neste mundo tão adulterado e tão esquecido dos valores humanos e dos valores espirituais.

Um grande abraço para todos vós e obrigada pelas lições linda de vida que continuais a partilhar connosco.

Assinante 67395.»

DOCTRINA



Repertir... — eis.

UM dos nossos trabalhadores do Lar do Porto, que se emprega em uma das casas mais acreditadas e mais antigas da cidade, recebeu uma notável gratificação na quadra de Natal. Cumprimentei-o e encareci o lugar. — Olha se o perdes! O Rapaz escuta os meus conselhos e afirma que na Páscoa espera receber mais. Ele e todos os seus colegas.

Demorámos um bocadinho a conversar sobre o que há de saudável e construtivo nestas atitudes patronais e o Rapaz, de quem muito se espera, declarou ser desejo da Firma comercial dividir parte dos lucros pelos seus empregados. O Rapaz anda na casa dos dezasseis. Não sabe o valor social da informação que me deu, nem a desgraça e miséria em que hoje se vive por há mais tempo se não pensar assim. Sobre tudo fazer. Fazer assim.

DISSE ao Júlio para creditar na conta do simpático e feliz empregado as notas de cem que ele recebera e fiquei a meditar e a gozar a notícia: «Os meus patrões vão repartir parte dos lucros pelos empregados». Se tivesse havido até à data algum momento difícil pelo qual me arrependesse de ter fundado a Obra da Rua, esse momento difícil seria hoje francamente recompensado pela alegria verdadeira da notícia dada ao mundo por um filho da Obra. Notícia da verdadeira revolução social. Agora também eu digo ser o nosso vocabulário incapaz de dar um nome adequado a O GAIATO, por ser ele, o jornaleco da Obra da Rua, a dar a notícia: «Os meus patrões vão dividir parte dos lucros pelos seus empregados».

EIS a doutrina. Doutrina cristã. Tão simples, que um moço de 16 anos enuncia a fórmula e compreende perfeitamente o fundamento — repartir. Tão simples, que não há um só leitor que não compreenda a doutrina e não veja a sua beleza — repartir. E saber a gente que se formam partidos, se quebram cadeiras, se aniquilam vidas, se tira o leite às crianças — tudo por causa duma doutrina que p'raí ainda, a qual parece ter a sua essência naquele doce deixa cá ver o que tens que eu sou comunista! Porquê tamanha desordem nas almas? Porque os cristãos não têm a coragem de ser comunistas. Não sabem repartir. Aqui a desordem. Aqui o pavoroso desequilíbrio mundial.

OS empregados de uma Casa sabem muito bem das coisas. Compreendem que a sua comparticipação nos lucros tem de ser muito moderada. Primeiramente o capital. Salvar o capital. Proteger o capital. Ele é a garantia do trabalho e do pão das suas famílias. Depois, as responsabilidades do Patrão, as suas noites sem dormir, o seu nome nos cheques e nas letras, o seu nível de vida, a sua família. Finalmente eles. Eles não se importam de ser os últimos; o que não querem é ser esquecidos; e têm-no sido! Ainda hoje trago no peito aquela frase de um operário, na maré doente — «Eles a medrar e a gente a passar mal». Ele trabalhava. Quatro dos seus filhos também. E eu andava a pedir naquela terra para suprir as necessidades do lar! Eu pedia esmola prós patrões!!

NÃO é o Povo que se revolta; são as pedras da rua que se levantam. Não queriam os fariseus que as massas populares aclamassem Jesus Nazareno. Como podiam calar-se, se Ele é a Justiça que passa. Falariam as pedras da rua! Eis.

Sim, repartir. Semear pão. Levantar a vida das famílias trabalhadoras. São almas.

VINHA a dizer nos jornais que, algures, falecera um homenzinho que deixou cem mil contos a obras chamadas de beneficência. Que desgraça! Diziam os jornais que ele fora um grande industrial. Outra desgraça! Mas há pior. O mal que fazem estas bateladas a Obras que têm de viver da Pobreza. Fazem mal e dão mau nome. O dinheiro é peste. A Igreja não precisa destes dinheiros. Não são d'Ela. Deviam ter sido repartidos por aqueles a quem eram devidos. Assim é que está certo.

Padre Américo

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

BENGUELA

Partilha

QUERO agradecer, antes de mais, a presença amiga e fraterna das pessoas que comungam a nossa vida. São de muito longe e de perto. Desejam que o ano de 2009 nos traga mais coragem para fazer face às inúmeras situações difíceis e dolorosas. Temos esperança. Um testemunho: «Para ajudar, um pouco, a nível financeiro, a resolver alguma necessidade mais premente, venho com o meu contributo pequeno para as inúmeras situações; mas, desde que muitos possam contribuir com uma pequena parte, o vosso trabalho tornar-se-á mais favorável.» Quem nos dera! Está aqui o segredo do nascimento dum mundo novo. Cada um dá e faz o que pode, na medida em que se sente responsável. E o milagre acontece.

Foi assim naquele tempo. Com os cinco pães e os dois peixes do rapaz no meio da multidão, milhares de pessoas foram saciadas e ainda sobraram doze cestos. Se cada um de nós der do que tem e é capaz, são os cinco pães e os dois peixes, muitas pessoas sairão do abismo das necessidades em que se encontram. É a fome do pão, de medicamentos, de habitação, da escola, do lar que abre as portas para a vida das crianças abandonadas. Quem se dispõe a matar alguma destas fomes? Quem dera todos tivessem a generosidade de abrir a porta dos seus corações!

O início do ano lectivo está à porta. As matrículas decorreram a bom ritmo e chegaram ao fim. Centenas de crianças encontram na escola da nossa Casa do Gaiato

o pão das suas inteligências. Desde o princípio, o refeitório ocupa o lugar importante no centro da Aldeia. A escola fica ao lado. O estômago e a inteligência são companheiros inseparáveis. Por isso, um bom número das crianças que vivem no bairro e frequentam a escola têm a sua alimentação garantida na nossa cozinha. É na raiz, porém, que o mal se cura com mais eficácia. Por isso, nasceu o Infantário, onde as crianças, desde bebés, são acompanhadas e bem alimentadas. É a prevenção contra um mal terrível que é a subalimentação que causa gravíssimos prejuízos no desenvolvimento das crianças e no seu aproveitamento escolar.

Com os cinco pães e os dois peixes que vós dais acontecem milagres admiráveis. Queremos ir mais além. A tuberculose está a ganhar terreno. É devido, em parte, à alimentação deficiente das mães que se reflecte nos filhos. Ninguém pode ficar de braços cruzados. Levamos em nosso coração boa parte desta carga. Não podemos ficar no caminho. Já batemos à porta de quem nos pode ajudar. Não chega. Batemos, agora, à porta do vosso coração. O segredo do fruto de qualquer serviço está na perseverança. Há tantas formas de ajudar!

Alguém chama. Desço do lugar onde estou a escrever-vos e vou abrir a porta. É um jovem engenheiro que chegou há pouco de Portugal para trabalhar numa grande empresa. Quer ajudar a Casa do Gaiato. Como? Duma forma muito nobre: emprego para alguns dos Rapazes na hora de preparar o salto para a sua autonomia. Foi um momento feliz que quero partilhar convosco. São os cinco pães e os dois peixes que resolvem o problema destes Rapazes e doutros que terão a sua hora. Vamos continuar de mãos dadas e corações muito unidos.

Padre Manuel António

Pão de Vida

Continuação da página 1

Por circulares à cidade e rotundas, vislumbramos uma serra, povoada de casas e ruas íngremes. Na zona, constatamos a miséria profunda, comum às sociedades da indigência e opulência: fenómenos de marginalização e vários perigos.

Foi a terceira vez que os visitámos. Subimos as águas-furtadas, onde vive essa família. Encontravam-se, no modesto alojamento, dois dos irmãos, com 8 e 13 anos, anélicos por vir para a nossa Casa. É esta «a religião pura e sem mácula diante daquele que é Deus e Pai» (Tg 1,27).

Depois dos procedimentos legais, acolhemos os garotos e confiámo-los a Quem nos ampara. «O Senhor guarda os simples» (Sl 116,6). O aceno da mãe, na partida, é um compromisso para se fazerem homens.

Como nos competia, com o nosso Professor, fomos às Escolas de ambos, os Paulos. A ventania penetrava a pele, mas não levou o recado da docente: «Olhe que é o aluno mais rebelde, pois até subiu a vedação e ficou preso por um dedo...» A Obra da Rua é um amparo eclesial, também, para crianças difíceis.

Na sequência, demos um pulo ao outro estabelecimento, em cujo Executivo, uma docente cristã (sim!) nos recebeu com emoção. Parámos, por momentos, e abriu-se uma porta para outra criança. Às vezes, preocupados com tantas coisas, Deus encontra frestas para nos visitar e animar.

Regressámos pelo mesmo caminho, sem medo dos herodianos. Os manos ficaram a repousar num quarto duplo, da nossa casa-mãe, com vista para o Cruzeiro.

Ao invés do que é corrente, estes filhos vieram celebrar o Natal conosco, em que esta Família se reúne.

Numa refeição, o mais novito, que é bom dançarino, enquanto pegava num naco, gabou-se: «já comi muitos pães» (sic). Noutra ocasião, prestes a darmos graças ao Senhor, por nos dar de comer, repetiu: «Quero mais arroz»...

Há pessoas desorientadas com estômagos cheios. É certo que sem o pão quotidiano, para todos, não há paz no mundo.

Padre Manuel Mendes

SETÚBAL

«Educar é contrariar»

CADA «Setúbal» é um retrato da nossa vida. Não um apontamento físico, somente, mas também espiritual. A vida, de facto, é muito mais do que os olhos vêem. Uma fotografia retrata um conjunto de coisas físicas, ficando o essencial por representar.

O conhecimento da vida, não é também somente a compreensão daquilo que os olhos podem captar. Há todo um lado espiritual que lhe está ligado, que a anima, dá conteúdo e sentido àquilo que se apresenta diante dos olhos.

É assim que, para compreender a vida nas nossas Casas, é necessário deixar-se interiorizar pelo espírito que as anima e, à sua luz, perceber o sentido daquilo que se vê.

Cada Rapaz traz consigo essa riqueza pessoal que o faz crescer, desenvolvendo-se até se tornar um homem. O Rapaz não é um homem pequenino, mas uma criança a crescer até ser um homem. E é esse dinamismo interior que o há-de tornar possível, numa vivência em comunidade a colaborar com ele para que isso se alcance.

O crescimento físico pode não ser acompanhado de um crescimento humano. É preciso que se valorize muito este, para que aquele seja benéfico.

Nem sempre se valoriza convenientemente o cres-

cimento interior da criança. Aliás, hoje, está até muito esquecido. Trabalha-se exageradamente tudo o que é exterior, gasta-se a vida a cuidar desse aspecto, e reduz-se a pouco o que não se vê.

Depois vêm os frutos amargos desse trabalho, de homens que nunca deixaram de ser crianças, porque continuam a fazer só aquilo que a sua vontade pede.

A dada altura, Pai Américo dizia que «educar é contrariar». Contrariar tendências, vontades que fariam a árvore crescer torta, curvada sobre si mesma.

Este contrariar, não é obrigar a criança a fazer aquilo que o educador entende como o correcto, mas a confrontá-la com o que faz de errado, e fazê-la saborear o fruto do seu erro para que o perceba, e assim escolha o caminho do bem.

Sem esta acção espiritual no desenvolvimento da criança, no seu caminho para se tornar homem adulto, ela virá a ser exteriormente homem, mas os seus actos serão o de uma criança grande, com comportamentos perigosos para ele e para a sociedade em que vive. E não é isto que a sociedade hoje colhe abundantemente em cada dia?

O trabalho espiritual é sempre o mais importante. A vida actual não nos empurra para isso, mas, também aqui, é preciso contrariar essa tendência.

Padre Júlio

Aprender a Missão com S. Paulo

TODOS sabemos, porque ele próprio o disse e deixou escrito, que Pai Américo «era um homem de um só Livro»: «Começo os Evangelhos, vou por eles até ao fim... e volto ao princípio». E porque de um só Livro, homem de uma só paixão que o absorvia totalmente e lhe dava luzes e a energia necessárias para gastar a vida na Missão a que Deus o chamara... o ia chamando dia-a-dia.

Mas ao falar dos Evangelhos, ainda que menos explícito, ele referia-se a todo o Novo Testamento; e das Cartas de S. Paulo é que era! Em momentos de conversa íntima, que não foram muitos mas eram de muita qualidade, ele falava de Paulo como o Apóstolo da sua predilecção, não só pela doutrina como pela personalidade forte, algo singular, que lhe causava o enlevo. Talvez porque de algum modo, e guardando as distâncias que os separavam, se lhe sentia irmanado.

Paulo foi igual a si próprio antes e depois do encontro na estrada de Damasco: A convicção, o zelo, a determinação que antes lhe davam coerência, mantêm-se depois de «agarrado por Cristo» naquele encontro. Alguém que ia ao combate em nome do que julgava ser a Verdade e a Justiça, aceita imediatamente a «derrota» ao conhecer Aquele contra Quem lutava, ao vê-lo com uma evidência que não vinha dos olhos mas subia da revelação operada em sua alma. Só isso explica e fundamenta a revolução de 180° na sua vida. Ele é o mesmo. Apenas se vira para o Verdadeiro que só agora conhece!

Quem sabe se Pai Américo não aprendeu desta atitude de Paulo a afirmação, para si absoluta: «Sem Humildade, nada!»

Paulo rendeu-se a Cristo, aceitou-se tomado por Ele, ser d'Ele. E foi directamente d'Ele que, em longo retiro, aprendeu a revelação que em convívio visível fora feita aos outros Apóstolos. Agora, sendo o mesmo, ele sabe o que a Missão o faz ser de novo e identifica-se como tal: «É pela Graça de Deus que sou o que sou». E sempre de mão estendida para receber de Deus o que há-de levar aos homens — que há-de ele levar senão a Graça, fonte de todos os bens comunicados por Deus e olhar de Deus sobre cada um?! E fá-lo em jeito paternal e maternal, como objectivo único, a tempo inteiro com paciência sem fim, para que cada um aprenda a sair de si próprio ao encontro dos outros e a viver em comunidade — e isto ensinado com a vida, dada todos os dias com todas as nossas forças e sempre com alegria.

Talvez que algumas semelhanças entre o seu e o percurso de S. Paulo, expliquem a especial afeição que Pai Américo lhe dedica. Ele não falou nisso — e compreende-se! Mas nós podemos falar. E eu devo confessar que para além de todo o proveito e encanto que estas Jornadas Pastorais para um mais profundo conhecimento do Apóstolo me proporcionaram, eu

vivi-as sempre na emoção do encontro também, com Pai Américo, em tantas e tão belas imagens que nos foram apresentadas em ordem a um retrato abrangente e fiel do Apóstolo, agente e mestre de Evangelização.

Também em Américo o homem foi substancialmente o mesmo antes e depois da «martelada». Nem esta foi propriamente um encontro na estrada de Damasco onde Jesus pudesse ter-lhe perguntado: «Porque Me persegues?» Porém, o homem íntegro e bom que ele era, trocou uma vida que o não satisfazia — «tempo perdido» como ele próprio lhe chamou — por uma vida plena, inexplicável sem Deus comprometido nela. Se ao longo destes dois mil anos de História da Santidade, muitos e muitas terão desejado e ter-se-ão esforçado para poderem dizer próximos da autenticidade do Apóstolo: «viver para mim é Cristo», o Américo, agora padre, é um deles.

Depois, toda a profundidade do seu *saber o Evangelho* não a aprendeu de mestres nem de livros: foi iluminação do Espírito Santo. E talvez aqueles quase três anos que mediarão entre a sua ordenação sacerdotal e 19 de Março de 1932 quando o seu Bispo lhe entrega a Rua por missão, tenham o significado do grande retiro e purificação da mente que precedem a acção. Também ele, «agarrado por Cristo» e muito e sempre agarrado a Ele, deu-se à missão sem condições, sem reticências, sem medo fosse do que fosse, fosse de quem fosse.

O seu método foi o de procurar cooperantes no plano que era o seu, o próprio da missão: *Obra deles, para eles, por eles*. Uma realização familiar em que o bafo do pai e da mãe e dos irmãos se confundem no ar que se respira: «Evangelização vivida e afectiva, personalizada, a tempo inteiro». Tal a praticou S. Paulo. E de modo semelhante às dele, as nossas grandes aflições e a muita alegria nascem na Família, da Família, da fidelidade e constância, ou não, dos seus membros.

E termino exactamente neste ponto com um desabafo pessoal. Domingo invernos e sem cor este e eu do mesmo jeito: um dia de «Horto» que se experimenta de vez em quando, no qual vêm ao de cima agonias várias que os anos e as contradições do mundo permitem justificar. A meio da tarde o telefone chama. Ocupado com este dever quinzenal que O GAIATO manda e temendo algo que viesse adensar a *minha* neblina, estive para não atender. Mas atendi — que bom! Era o nosso Teixugueira, agora no Kosovo em missão militar, para me ouvir e saber se estava bem. Não estava, mas fiquei!

Deus é Pai e nos momentos de «Horto» de que nos não dispensa, tem sempre um anjo disponível para nos trazer a Paz. O Teixugueira, hoje, foi o meu «anjo do Horto». Bendito seja Deus e abençoado este Seu filho que também é meu.

Padre Carlos